

# Religião e pós-modernidade

## *Religion and post-modernity*

Felipe Marton dos Santos\*

Ana Clarice Steinmetz de Faria\*

*“Ter fé significa decidir que no âmago da existência humana há um ponto que não pode ser alimentado e sustentado pelo que é visível e tangível, mas que toca na fímbria daquilo que não é visível, a ponto de este se tornar tangível para ele, revelando-se como algo indispensável à existência”*  
[Joseph Ratzinger – Bento XVI].

**Resumo:** A religião apresenta-se, desde as primeiras manifestações humanas, como uma categoria estruturante do homem em seu agir tanto subjetivo quanto coletivo. Sua relação com a sociedade e as normas que regulamentam a vida social desenvolvem-se no decurso da história. Porém, em um passado recente, percebemos mudanças consideráveis em todas as estruturas que compõem o aparato social da vida quotidiana. A essas mudanças atribui-se o movimento chamado de pós-modernidade. A pós-modernidade altera o modo como se realizam as relações entre os seres humanos e, assim, altera também a relação com a componente religiosa entre os indivíduos. Para compreender tanto o fenômeno religioso quanto o pós-moderno, devemos realizar algumas investigações sobre as origens de tais matérias. Essas análises podem nos permitir contemplar quais as possíveis posturas a serem tomadas diante dessas inúmeras novidades, e quais as consequências delas para a sociedade.

**Palavras-chave:** religião, sociedade, homem, pós-modernidade.

**Abstract:** Religion presents, from the first human manifestations, as a structuring category of man in his act, both subjective and collective. Its relationship with society and the rules governing social life develops throughout history. However, in the recent past, we see considerable changes in all the structures that make up the social apparatus of everyday life. To these changes attributed to the movement called post-modernity. Postmodernism shifts every way they carry out the relationships between human beings and, therefore, also changes the relationship with the religious component among individuals. To understand both the religious phenomenon as postmodern, we should do some research on the origins of such materials. These analyzes may allow us to contemplate what the possible positions to be taken on these various changes, and the consequences of them for society.

**Keywords:** religion, society, man, post-modernity.

---

\* Aluno do Curso de Licenciatura em Filosofia pela FAE Centro Universitário. Contato: felipe\_marton@hotmail.com

\*\* Orientadora do discente na disciplina de Monografia em Filosofia da FAE Centro Universitário. Contato: Ana.steinmetz@fae.edu

# 1. Aproximação conceitual

Sempre que buscamos compreender o ser humano em sua totalidade, o aspecto religioso da busca do indivíduo por uma realidade superior aparece como traço constitutivo de sua estrutura mais elementar:

Para muitos autores, a religião é coeficiente fundamental e essencial da hominização. Para esses autores, o homem é naturalmente religioso não só de fato, mas também de direito: Como ele não é homem se é carente de inteligência, de vontade, de cultura, de linguagem, assim também ele não é homem se é carente de religião. Já Feuerbach escrevia: “A religião tem a sua base na diferença essencial entre o homem e o animal – os animais não têm religião” (MONDIN, 1980, p. 251).

Este traço remete-nos à condição espiritual dos sujeitos que no decorrer de seu desenvolvimento acabam por constituir o que conhecemos por religião. Ela constitui uma tentativa de dar sentido à vida em face dos sofrimentos e injustiças. É fator determinante no agir humano, pois, desde o início da civilização, ela definiu regras e normas de comportamento que determinaram o modo como as sociedades seriam construídas. A religião, ou, a propensão à visão religiosa do mundo, ou seja, espiritual, que o ser humano possui, é uma das múltiplas faces que contribuem para a construção dos indivíduos sociais. Portanto, como parte constitutiva não deve ser negada, e, se assim o for, tende a fragmentar as concepções de indivíduo e, pouco a pouco, diluir sua personalidade.

Se o sagrado se afasta muito, o risco é o esquecimento das regras que os homens aprenderam para se proteger, e então o sagrado irrompe e a sua violência produz a dissolução da comunidade ou na perspectiva psicológica, da personalidade (GALIMBERTI, 2003, p. 22).

Para desenvolvermos o pensamento sobre o papel da religião<sup>1</sup> na estrutura dos indivíduos, devemos tomar algumas afirmações para melhor delimitarmos em que de fato ela consiste. Podemos tomar as palavras de Carl Jung que discorre sobre a questão da psicologia e da religião:

Religião é – como diz o vocábulo latino *religare* – uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de numinoso, isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador.

---

1. Por *religião* não entendemos uma determinada profissão de fé religiosa. Para este estudo tomamos como base a ideia de religião como uma estrutura, transcendente e universal, de acordo com as definições realizadas no decorrer do trabalho.

Qualquer que seja sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade (JUNG, 2011, p. 19).

Jung cita a obra de Rudolf Otto, *O sagrado*, na qual Otto apresenta a ideia de numinoso. Por numinoso, ele entende a característica essencial e exclusiva da religião e que, sem ele, a religião perderia as suas características: “Apresenta um momento bem específico, que foge ao acesso racional, sendo algo *árreton* [impronunciável], um *ineffabile* [indizível] na medida em que foge totalmente à apreensão conceitual” (OTTO, 2007). A religião, portanto, teria como caráter fundamental de sua estrutura esse elemento onde se constata um sentimento de profunda devoção e arrebatamento:

Trata-se de um sentimento confesso de dependência que, além de ser muito mais do que todos os sentimentos naturais de dependência, é ao mesmo tempo algo qualitativamente diferente. Ao procurar um nome para isso, deparo-me com sentimento de criatura – o sentimento da criatura que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura (OTTO, 2007, p. 41).

A religião, portanto, tem como sua base esse conjunto de crenças no absoluto que, com o auxílio de linguagens místicas, eram transmitidas geração após geração. O pensamento religioso, associado a essa mística, se constitui, junto com a razão, como base dessas verdades e, lado a lado, contribui para o regime social. A partir de suas orientações éticas e morais, a religião funciona como reguladora de tensões sociais. Seus esquemas de ação auxiliam na manutenção da ordem.

Tanto a razão quanto a religião não conflitavam disputando entre si qual seria superior, mas cada qual complementava as esferas de pensamento a partir de suas próprias categorias: “O *logos* (razão) era a forma pragmática de pensar que permitia uma atuação eficaz das pessoas no mundo” (ARMSTRONG, 2011, p. 11). Mas a razão reconhecia seu limite de alcance em relação aos problemas da realidade humana:

O *logos* era essencial para a sobrevivência de nossa espécie. Mas tinha suas limitações: não conseguia aliviar o sofrimento humano, nem desvendar o significado último das lutas da vida. Para isso, recorria-se ao *mythos*, ou mito (ARMSTRONG, 2011, p. 11).

O mito relata, em uma linguagem acessível, a experiência do divino. Não é o mito que funda a religião, mas ele a auxilia em seu processo de desenvolvimento por associar aquilo que de fato pertence ao dado espiritual, religioso, com os eventos e acontecimentos cotidianos.

Percebemos, portanto, que o processo religioso que envolve o mito é um processo ativo, pois se baseia na realidade. E a realidade exige dos sujeitos respostas concretas

e eficazes para os diversos fatos que nos cercam. O ser humano é um sujeito de ação que constrói sua história a partir de respostas diárias. O homem é um ser múltiplo, não é pré-determinado, mas sim, indivíduo que se desenvolve e modifica sua conduta diante de diferentes necessidades.

A razão e a religião devem dessa maneira auxiliar-se mutuamente no processo de equilíbrio das necessidades humanas, preenchendo de sentido a existência dos indivíduos. A razão, como já observado anteriormente, não procura sobrepor-se à religião e essa tampouco deve procurar elevar-se em relação à razão. Quando essa relação acontece de acordo com essas normas de respeito entre os conceitos, as sociedades desenvolvem-se de forma segura. “Desse modo, a existência humana fica a cada momento governada pelo sagrado, do qual não deve aproximar-se muito para não ser dissolvida, mas de que não deve tampouco afastar-se demais para não perder os efeitos de sua presença fecundante” (GALIMBERTI, 2003, p. 22).

Porém, hoje, percebemos que a sociedade procura desenvolver-se a partir de critérios estritamente racionais excluindo a componente religiosa. Sua exclusão baseia-se na premissa de que seu conteúdo é uma construção arbitrária e fantasiosa do espírito humano, indo contra aquilo em que ela originalmente se fundamenta que é, justamente, o encontro com um elemento sagrado, com um Deus. O que antes era um componente estrutural das bases da sociedade passou a ser posto de lado por ser considerado uma esfera inferior da realidade humana.

## 1.2 Contexto

O processo de modernização da sociedade tornou os indivíduos incrédulos no que diz respeito aos conjuntos de crenças disponíveis nas sociedades. Com o advento da pós-modernidade e o anseio por emancipação, os sujeitos tornaram-se incapazes de aceitar a componente religiosa, em suas estruturas dogmáticas, como possível fonte de respostas e soluções para os problemas atuais.

A humanidade estava saturada das promessas realizadas até então. O século onde mais ocorreram avanços tecnológicos, que se propunham a melhorar as condições de vida da sociedade, foi também o século de maiores destruições e mortes causadas pelos horrores de duas grandes guerras (HOBESBAWN, 1994).

O historiador Eric Hobsbawm afirma: “No breve século XX, mais homens morreram ou foram abandonados à morte por decisão humana que jamais antes na história” (HOBESBAWN, 1994, p. 24). Ele apresenta a contradição de um século de

grandes avanços. Junto com os avanços, constata-se a massiva destruição humana: “Uma estimativa recente das megamortes do século menciona 187 milhões, o equivalente a mais de 1/10 da população mundial de 1900” (Idem). Ao mesmo tempo em que tais mortes ocorreram ele irá afirmar:

O mundo estava incomparavelmente mais rico que jamais em sua capacidade de produzir bens e serviços e na interminável variedade destes. Não fora assim, não teria conseguido manter uma população global muitas vezes maior que jamais antes na história do mundo. Até a década de 1980 a maioria das pessoas vivia melhor que seus pais, e nas economias avançadas, melhor que algum dia tinha esperado viver (HOBESBAWN, 1994, p. 21).

O que resta depois dessas decepções é que “dos escombros de um humanitarismo que resultaram desse pensamento, opta-se agora por um recuo ao pragmatismo, quando não se confessa abertamente uma atitude de desprezo pelo elemento ético” (RATZINGER, 2005, p. 11). Os resultados desses movimentos foram, portanto, devastadores para uma humanidade já imersa em problemas e ferida por um século conturbado. O humanitarismo de que fala Ratzinger tenta reconstruir o homem em sua individualidade e valor, porém, acaba por finalizar seu processo de fragmentação. Deus também passa a ser visto como uma realidade não prática. A realidade a ser considerada era somente a realidade material dos dados históricos. A vida tornou-se demasiadamente prática para se falar de Deus.

Assistimos hoje ao fim de uma civilização, e podemos dizer que ela se encerra com a queda em bloco dos sistemas totalitários nos países do Leste Europeu, embora ainda existam redutos a serem desmantelados nessa mesma linha política e ideológica e se anunciem novas prisões para o homem, com outra roupagem e faces bem diversas (ROJAS, 1996, p. 13).

Esses eventos citados como precursores de uma nova mentalidade mundial são apenas “a ponta do iceberg” de uma época extremamente repleta de conflitos morais e revoltas contra os sistemas políticos que vigoravam até então. Fato é que os eventos que daí derivaram alteraram completamente os regimes de conduta e crenças dos indivíduos. A liberdade, por tantas vezes talhada pelas antigas doutrinas de poder, deseja agora circular desimpedida: “Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas” (BAUMAN, 2001, p. 22).

O desejo de liberdade sempre foi o grande motivador de movimentos revolucionários. E nos períodos supracitados não foram diferentes. A realidade do pós-guerra

e a dureza com que os regimes socialistas e comunistas se ergueram pela Europa reafirmaram no coração da população o desejo por emancipação. “Sentir-se livre significa não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos ou concebíveis” (BAUMAN, 2001, p. 24).

O desejo de libertação ocasiona em uma rebelião contra as normas e o surgimento de “novíssimas rotinas” que, segundo Bauman, provavelmente não durará o suficiente para tornarem-se hábitos<sup>2</sup>. Ser moderno, afirma Bauman, significa ser incapaz de parar, e menos capaz ainda de ficar parado (BAUMAN, 2001, p. 37). Como resultado desse movimento vê-se nos indivíduos elementos de ação tais como fuga, evitação e descompromisso, atitudes essas que colocam em risco, também, o papel de cidadania que cada um deveria exercer na comunidade. A esfera pública está sendo bombardeada pela invasão do privado, de interesses que procuram defender a liberdade individual em detrimento do coletivo.

Essa importante alteração se reflete na realocação do discurso ético/político do quadro da sociedade justa para o dos direitos humanos, isto é, voltando o foco daquele discurso ao direito de os indivíduos permanecerem diferentes e de escolherem à vontade seus próprios modelos de felicidade e de modo de vida adequado (BAUMAN, 2001, p. 38).

A individualidade é fruto desses movimentos ocorridos ao longo da história moderna e que provocaram esse pensamento onde o sujeito procura apenas a satisfação de sua subjetividade. O sujeito fragmentado que procura apenas satisfazer-se, seja por meio de compras ou de modelos apresentados pela mídia, é fruto do processo de individualidade. Devo ser livre para fazer o que quero e quando quero.

Ao empenhar-se na libertação de todo e qualquer regime de obstrução das vontades individuais, um novo homem surge. Todos os elementos psicológicos e sociológicos se alteram. Surge assim, o homem pós-moderno. Produto da insatisfação de anos de dominação ética, política e moral e que agora procura afirmar-se sobre novas bases.

Trata-se de um homem relativamente bem-informado, mas de escassa educação humanista, muito voltado ao pragmatismo, por um lado, e a vários assuntos por outro. Tudo lhe interessa, mas de forma superficial; não é capaz de fazer uma síntese daquilo que percebe e, como consequência, se converte numa pessoa trivial, superficial, frívola, que aceita tudo, mas que carece de critérios sólidos em sua conduta. Tudo nele se torna etéreo, leve, volátil, banal, permissivo (ROJAS, 1996, p. 13).

---

2. A vida ainda não atingiu os extremos que a fariam sem sentido, mas muito dano foi causado, e todas as futuras ferramentas da certeza, inclusive as novíssimas rotinas (que provavelmente não durarão o suficiente para se tornarem hábitos) não poderão ser mais que muletas, artifícios do engenho humano que só parecem à coisa em si se nos abstermos de examiná-las muito de perto (BAUMAN, 2001, p. 29).

## 2. Pós-modernidade e sociedade contemporânea

O homem pós-moderno é um indivíduo do rateio. Os movimentos do pensamento elevaram o ser humano à sua categoria máxima de racionalização. Entende-se que o projeto de liberdade está intimamente vinculado com os processos de desenvolvimento do conhecimento, pois, ao dominar as grandes questões práticas da existência humana nos tornamos independentes de teorias alternativas que serviam, muitas vezes, como formas de dominação moral e ética na sociedade.

### 2.1 A realidade dos nossos tempos

Os conceitos de ciência e técnica se constituíram como os novos alicerces da sociedade. Enquanto propostas morais tentavam estabelecer-se como norteadoras do agir humano, a ciência e a técnica evoluíam com imensa rapidez e apresentavam-se como possuidoras de uma verdade muito mais sólida e livre do que as ideias dos regimes morais de então. Porém, os conceitos de técnica e ciência não estão livres de ideologias dominadoras como pode parecer, na verdade elas estão repletas de tais ideias como veremos a seguir.

A racionalização progressiva da sociedade depende da institucionalização do progresso científico e técnico. Na medida em que a técnica e a ciência pervadem as esferas institucionais da sociedade e transformam assim as próprias instituições, desmoronam-se as antigas legitimações (HABERMAS, 1968, p. 45).

Na busca pela libertação, as antigas estruturas de dominação foram destruídas, na tentativa de eliminar qualquer possibilidade de retorno à condição servil em que o homem se encontrava até então. Mas, quando tais estruturas ruíram, o homem perdeu muito, ou quase tudo, de seu referencial para a vida. Em meio a tudo isso, a ciência conduzia a humanidade a novos horizontes, produzindo verdades e ferramentas para a vida tornar-se mais leve e eficaz.

O método científico, que levava sempre a uma dominação cada vez mais eficaz da natureza, proporcionou depois também os conceitos puros e os instrumentos para uma dominação cada vez mais eficiente do homem sobre os homens, através da dominação da natureza (HABERMAS, 1968, p. 49).

Dessa forma, com o advento do método científico, da possibilidade de manipulação e compreensão do universo, o sujeito, em toda sua complexidade foi alterando sua forma de ver e compreender o mundo. Razão, ciência e técnica, ética e normas de comportamento, tudo isso passou a ser questionado em vista de uma reorientação

da sociedade, que já não se sentia confortável com aquilo que dizia acreditar, nem naquilo que acreditava estar baseada. A crise da pós-modernidade, portanto, envolve elementos de todos os âmbitos da esfera pública e social.

Todos os elementos analisados em relação à nova condição do ser humano dentro do que chamamos de pós-modernidade nos indica um fato evidente: diante do pragmatismo que vigora na sociedade não sobra espaço para elementos que não reconheçam a nova condição do homem, que retorna ao centro do universo, tornando toda a reflexão relativa a um ponto de vista único: o seu.

Essas reflexões nos permitem observar de que maneira a pós-modernidade se constituiu como uma busca de emancipação dos sujeitos das antigas barreiras que os prendiam e condicionavam em seu dia-a-dia. Em um primeiro momento a religião foi duramente atacada como sendo responsável por boa parte, se não toda, do processo de dominação que subjugava a humanidade em toda sua capacidade.

O resultado deste duro ataque à religião foi o surgimento de indivíduos vazios e sedentos por algo que lhes satisfizesse um desejo que lhe é intrínseco, que é justamente a espiritualidade, o desejo de buscar o transcendente: “Os homens e mulheres se sentem negligenciados neste tipo de sociedade e, por isso, buscam refúgio, buscam onde abrigar-se” (SILVA MOREIRA & DIAS OLIVEIRA, 2008, p. 105).

Porém, o processo que constitui a pós-modernidade é extremamente complexo, e a possibilidade de realizar este desejo por religião não consiste simplesmente num retorno às formas tradicionais de religião, ele vai muito mais além.

Diferentemente do que se pode pensar, a religião não foi descartada da sociedade como algumas correntes de pensamento manifestaram no passado em meio a grande crise de consciência pela qual passou a humanidade: “A religião não vai desaparecer e, provavelmente, vai se tornar ainda mais poderosa nas próximas décadas, mesmo se o tipo de religião que se afirma é perigoso e volátil” (SILVA MOREIRA & DIAS OLIVEIRA, 2008, p. 25).

Quanto ao homem pós-moderno, estamos falando de sujeitos modificados em suas estruturas básicas. O sujeito que busca liberdade e autonomia, característico da pós-modernidade, é o protagonista do fenômeno religioso de que estamos falando. Ele, com toda sua carga emocional e psicológica, que se desenvolve a partir dos elementos já trabalhados anteriormente como materialismo, secularismo, hedonismo, permissivismo, enfim, tudo o que lhe é próprio, é que agora, diante do vazio a que está exposto vai buscar religião.

O homem moderno não é religioso nem ateu, ele construiu uma forma particular de espiritualidade segundo sua própria perspectiva. É ele quem decide o que está bem e o que está mal e seu sonho de infinito. Peça por uma satisfação materialista e termina fabricando uma ética a sua medida (ROJAS, 1996, p. 124).

Durante todo o processo histórico em que se desenvolveu e, ainda hoje, se desenvolve na pós-modernidade, a religião, em suas grandes estruturas históricas, nunca deixou de existir. O que verificamos neste período é que com os grandes questionamentos sobre estruturas morais e éticas que regiam a sociedade, a proposta das religiões, passou a ser vista com certa desconfiança por parte dos fiéis.

## *2.2 Identidade religiosa*

A partir dessas realidades que a pós-modernidade começou a implantar na sociedade, afirmava-se que as religiões estariam entrando em uma crise que, provavelmente, as levaria a um colapso e, finalmente, a sua extinção. Acontece que a crise das religiões ocorreu de forma um tanto diferente. Elas podem ter perdido sua força enquanto instituição de direito e representatividade social, porém, não perderam força quanto ao caráter de sua missão espiritual. Ou seja, as religiões não existiram à parte de todo este grande processo que hoje denominamos de pós-modernidade, mas elas viveram e estão, sim, carregadas de todas as características que compõe este período. O mesmo ar carregado de pós-modernidade que os indivíduos respiram é também o ar respirado pelas religiões.

Acontece que as grandes religiões históricas mantêm suas propostas originais, ou seja, não se deixaram abalar pela avalanche de ideologias fragmentárias que se deram neste período analisado. O que por um lado nos permite contemplá-las como um último recanto de estabilidade tornou-se, para elas, fonte de desaprovação dos fiéis, já não acostumados com tais dogmatismos.

As análises desenvolvidas anteriormente nos permitiram traçar, brevemente, o perfil do sujeito pós-moderno. São fragmentados e carregados de ideologias que, por si só seriam motivo de estudo. A busca pela autonomia estabelece-se também na questão da religião. Eles já não sabem submeter-se a regras e doutrinas, fruto da influência da pós-modernidade na religião.

A crise das religiões especializadas tradicionais deu origem a novas interpretações religiosas da realidade. Segundo Luckmann, o conteúdo fundamental de todas as novas interpretações é a "autonomia" do indivíduo. Essas interpretações nascem na

esfera privada e são “dramatizações” do indivíduo subjetivamente autônomo em busca da realização e afirmação de si mesmo. A temática da concepção moderna do mundo simboliza o fenômeno histórico-social e estruturalmente fundamentado do individualismo. Mas, para Luckmann, essa aspiração ao individualismo é ilusória e é continuamente frustrada. Ele é de parecer de que o homem da sociedade moderna “torna-se pessoa somente em mínima parte”. O indivíduo na sociedade moderna tem muita liberdade (irrelevante) e pouca forma interior durável... Que esse fato tenha consequências para com a ordem social e para com a objetivação do espírito na sociedade humana é evidente, ainda que não se possam prever todas as suas possibilidades e todos os seus perigos (MONDIN, 1980, p. 248).

Antigamente, a maioria dos indivíduos já nascia dentro de um ambiente religioso pré-estabelecido. Famílias e comunidades inteiras faziam parte de um “pertencimento religioso” onde se desenvolviam como cidadãos e fiéis. O que poderia acontecer neste ambiente é que, com o passar do tempo e a ampliação dos horizontes culturais do sujeito, ele poderia, com muita resistência por parte de suas comunidades de origem, transitar para outros territórios religiosos que se adequassem às suas exigências espirituais e dogmáticas, principalmente no que se refere às instituições enquanto instituições humanas.

A emergência da sociedade global abriu a possibilidade para múltiplas escolhas e pertencimentos religiosos rompendo com uma situação em que o pertencimento religioso estava dado de antemão e, de certo modo, inscrito na cultura (SILVA MOREIRA & DIAS OLIVEIRA, 2008, p. 8).

O processo atual da religião na pós-modernidade consiste no fato de os sujeitos não abrirem mão de sua “liberdade” e, carregados de ideologias, não cogitarem a possibilidade de um pertencimento a alguma religião histórica e composta por uma estrutura institucional dogmatizada. Diferentemente do processo anterior a esse período, em que o trânsito religioso dava-se por causa de algumas incompatibilidades referentes ao conteúdo de fé, hoje se nega a adesão a sistemas religiosos estruturados historicamente pelo fato de não se adequarem às exigências subjetivas do indivíduo em busca de sua autossatisfação, baseado em sua ambição por consumo, prazer e sucesso.

Outro aspecto interessante que envolve a religião em seus desdobramentos dentro da pós-modernidade é o lugar que a *experiência* religiosa assume dentro das consciências dos fiéis: “Uma primeira dimensão que caracteriza a religião na sociedade global é o lugar que a experiência ocupa na configuração das práticas religiosas” (SILVA MOREIRA; DIAS OLIVEIRA, 2008, p. 12).

Trata-se, noutras palavras, de uma autenticidade subjetiva da verdade, a qual contrasta com a dimensão da “efervescência coletiva”, destacada por Durkheim nas sociedades primitivas. Como escreve Oro, é através de “manifestações sensíveis” e do engajamento total do corpo e dos sentidos que a religião estaria expressando-se hoje nas novas formas de crer. A religião emocional passa a ser um dos sinônimos da modernidade religiosa (SILVA MOREIRA; DIAS OLIVEIRA, 2008, p. 12).

Percebemos a busca por tais sensações no crescente número dos que buscam “no êxtase sombrio e destruidor das drogas, dos ritmos martelados, da barulheira e do delírio” (RATZINGER, 2005) um amparo para suas vidas vazias. Percebemos uma intensa adesão a culturas orientais de meditação que levam a experiências transcendentais. Em nossa atual situação histórica, que as religiões místicas da Ásia (partes do hinduísmo e do budismo), com a sua renúncia à doutrina dogmática e com sua institucionalização reduzida, parecem mais adequadas a uma humanidade esclarecida (RATZINGER, 2005). Essa busca por elementos sensíveis acaba por manter os indivíduos em uma busca frenética por tais experiências. Nunca é o bastante. Nunca uma proposta é o bastante, e então surge como que um vício diante da “solidão de chumbo de um mundo sem Deus e cheio de tédio interior, desabrochou novamente a procura pelo misticismo, por qualquer contato com o elemento divino” (RATZINGER, 2005).

Diante de tais constatações, mesmo que ainda à sombra dos verdadeiros efeitos da pós-modernidade sobre o ser humano e, conseqüentemente, seus efeitos sobre a religião, podemos nos perguntar o que pode, ainda, a religião dentro de um período tão turbulento quanto esse de que tratamos brevemente? O que se constata e afirma como religiosidade nos dias atuais acaba por tornar-se parte de um sistema repleto de vícios e que não eleva o sujeito à contemplação do sagrado, propriamente objetivado pelo fenômeno religioso. Mas então, qual seria o papel da religião frente a um homem tão fragmentado?

A grande contribuição da religião consiste na disciplina imposta ao seu praticante na busca da contemplação divina. Porém, percebe-se também no mercado religioso um movimento, onde os sujeitos “pulam” de uma igreja a outra em busca de discursos que lhes convenham. Tal movimento, justamente por não permitir uma adesão concreta, gera indivíduos incapazes de desenvolverem rotinas e investidas espirituais a longo prazo. Os processos litúrgicos e ritualísticos permitiriam desenvolver a capacidade de contemplar nas menores coisas os verdadeiros e perenes valores da vida e deixar de lado a necessidade de bens supérfluos quando contempla a riqueza que o circunda.

Quanto a esse aspecto o homem pós-moderno deixou-se render às inquietações e transitoriedades acerca de elementos que não lhe dão segurança, apenas a impressão de segurança. A esse respeito verificamos as ideologias próprias do homem pós-moderno: consumismo, relativismo, permissivismo, hedonismo, niilismo, enfim, essa série de movimentos em busca de saciar desejos mais profundos, mas que não se saciam por elementos tão efêmeros e secundários.

As grandes religiões históricas que possuem em sua essência elementos e doutrinas que promovem a dignidade humana possuem práticas e ritos em vista da elevação de seus praticantes a essa visão de uma vida, com um valor acima daquilo que é puramente material. Essas perderam muito de seu espaço frente à busca dos indivíduos de se emanciparem, de se libertarem e construírem seus próprios sistemas, em todas as áreas da sociedade.

Diante deste breve estudo sobre a relação entre a religião e o processo da pós-modernidade, pudemos traçar um panorama no que diz respeito à personalidade dos indivíduos que hoje buscam a religião. Eles parecem incapazes de se coligar com sistemas que promovam seu bem-estar e lhe devolvam a dignidade que lhe é intrínseca.

Quando baseiam propostas religiosas em necessidades efêmeras e pragmáticas eles retiram de sua crença o que de fato deve constituir uma religião, criando no máximo grupos terapêuticos, sem as devidas credenciais, em vista de amenizar os efeitos da dureza em que estão inseridos.

A religião, enquanto experiência transcendente, baseada em realidades divinas, com o objetivo de levar o ser humano a esse contato com o totalmente outro, pode, caso se reafirme como detentora não de uma doutrina imutável, mas de uma verdade suprassensível, levar os seres humanos a retomarem antigos hábitos que os elevavam a condições muito mais aprazíveis do que se vê atualmente.

Para isso não precisam tirar o mérito da capacidade humana e sua razão, mas apenas mostrar que a realidade não se encerra nessas categorias. Ela não precisa curvar-se aos desejos voláteis dos homens, mas apresentar o que de fato deve ser visto como valor, respondendo a essa rotina tediosa dos sujeitos como sendo uma proposta real de ação centrada no cotidiano.

A religião pode ser elemento de transformação na sociedade a partir de suas categorias e práticas espirituais, oferecendo objetivos concretos que preenchem de sentido o vazio deixado pela pós-modernidade. O homem que pratica sua espiritualidade a partir de normas e rituais litúrgicos fundados na introspecção, na contemplação de que



a realidade não se resume ao que pode ser teoricamente e rigorosamente explicado, pode aplicar tais condutas ao dia-a-dia fora dessas rotinas espirituais.

Aquele que consegue concentrar-se nas coisas próprias de seu espírito pode ir contra a corrente de uma sociedade líquida que não consegue efetivar-se em nenhuma de suas categorias, mesmo as mais básicas, devido a sua constante mutação guiada por desejos voláteis.

A religião pode e deve assumir o papel de colaboradora no reestabelecimento da ordem de dignidade dos sujeitos na sociedade. Os homens já possuem as respostas práticas para o domínio da realidade, mas não encontram respostas para elementos que os instigam em seu interior, mantendo-os inquietos quanto a possibilidade da existência de realidades suprassensíveis.

## Referências

- ARMSTRONG, K. **Em defesa de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GALIMBERTI, U. **Rastros do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2003.
- HABERMAS, J. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 1968.
- HOBESBAWN, E. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- JUNG, C. G. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MONDIN, B. **O homem, quem é ele?** São Paulo: Paulus, 1980. 251 p.
- OTTO, R. **O sagrado - Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- RATZINGER, J. **Introdução ao cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2005.
- ROJAS, E. **O homem moderno**. São Paulo: Mandarim, 1996.
- SILVA MOREIRA, A.; DIAS OLIVEIRA, I. **O futuro da religião na sociedade global**. São Paulo: Paulinas, 2008.

